

FRONTEIRAS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM CONTEXTO ESCOLAR

Ewerton da Silva Ferreira – Universidade Federal do Pampa. E-mail:

ewertonferreira266@gmail.com (1);

Jaqueline Carvalho Quadrado – Universidade Federal do Pampa –

jaquelinequadrado@unipampa.edu.br (2);

Resumo: A pesquisa intitulada *as fronteiras das relações de gênero e sexualidade em contexto escolar*, objetiva um “olhar” investigativo do tema em questão que envolve adolescentes de escolas públicas, em uma pesquisa-ação de inspiração etnográfica nas escolas-campo de extensão e de práticas de estágio, buscando (re)desenhar a extensão e o estágio em Serviço Social e Ciências Humanas - Licenciatura, articulado à pesquisa, como aprendizados de intervenção na realidade das escolas públicas em São Borja/RS. As discussões deste trabalho estão relacionadas à concepção de adolescência, gênero, feminismos e sexualidade, adotando como aportes teóricos a perspectiva assumida com base na produção de pesquisas do *Grupo de Estudos em Ética, Educação e Política-GEEP/UNIPAMPA* e do Programa de Extensão *Mulheres Sem Fronteiras*, sobre adolescência, educação, gênero, dentre outros temas transversais, compreendendo que os mesmos são sujeitos produtores de cultura e de sua própria história. O objetivo central da pesquisa é analisar como as crianças e adolescentes (des) constroem fronteiras das relações de gênero em contexto escolar, a fim de dar visibilidade sociológica aos discursos e práticas, na qual elas reproduzem, mas também produzem seus posicionamentos de meninos e meninas, em um espaço em que a livre iniciativa é proporcionada como princípio pedagógico. A argumentação se desenvolverá no campo da educação pública, em particular o da educação básica, e alicerçada nos estudos de gênero, feminismos e sexualidades. As oficinas do projeto de extensão/estágio *Fala Sério*, será o campo empírico da pesquisa-ação. A produção de dados será resultado de estudo bibliográfico e documental, e se valerá de observações registradas em relatório e diário de campo. A aposta metodológica é a de forjar um modo de narrar coletivo que agencie experimentação e aprendizagens, aliados a modos de produzir cultura e de fazer pesquisa- extensão-ensino.

Palavras-chave: Sexualidade, Gênero, Educação, Práticas de Estágio, Extensão.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é oriundo de reflexões das oficinas denominadas “*Fala Sério*”, que tem como principal objetivo, sensibilizar os estudantes do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas do município de São Borja – RS, sobre as violências na escola e em outros espaços de socialização, por meio de diálogos, motivando-os a participar do processo de desconstrução de saberes e práticas enraizadas em seu cotidiano, com vistas à emancipação pessoal e política. As atividades integram o programa de extensão universitária “*Mulheres Sem Fronteiras*”, que tem por objetivo instigar ações socioeducativas sobre os direitos sociais, sexuais e reprodutivos das mulheres e seu protagonismo no acesso às políticas públicas.

A implementação de oficinas em parceria com as escolas públicas demonstra a importância da função social das universidades públicas na sociedade. Este texto oferece ações pautadas nos temas transversais preconizados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, com intuito de formar uma rede com escolas e desta forma contribuir com a ampliação do diálogo entre universidade e comunidade externa, buscando assim auxiliar na inclusão de novos temas no currículo escolar, voltados a realidades locais, bem como promover a diversidade, rompendo com violências de gênero nas escolas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais incorporam essa tendência e a incluem no currículo de forma a compor um conjunto articulado e aberto a novos temas, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. O currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e outros temas podem ser incluídos (BRASIL, 1997. p. 25).

Entender que tudo que tange as masculinidades e as feminilidades é relacional, ou seja, que é uma construção social e que, portanto, pode ser mudado, levou certo tempo e ainda continua em pauta, assim é um exercício contínuo, em constante processo.

Sabemos que as características femininas e masculinas estão dispostas simbolicamente de maneira binária ainda nos dias de hoje, e que as crianças já percorreram um caminho social até chegarem à escola, porém, se o gênero é construído através das relações, então as meninas e os meninos também constroem significados individuais entre suas diferenças sexuais de forma flexível e plural, ou ainda, como diz Connell (2009), as crianças têm capacidade de criar seus modos de serem meninas e meninos se engajando nesse processo através de resistências e dificuldades.

GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR SAMBORJENSE

O programa *Mulheres Sem Fronteiras*, vem atuando junto as escolas do município desde 2015, por meio de oficinas, rodas de conversa e formação continuada, e tem produzido artigos e resumos que tem sido apresentado nos eventos científicos em diversas instituições de ensino superior, além do programa ser espaço de estágio supervisionado em Serviço Social, assim justificamos a proposta de pesquisa-ação por entender a indissociabilidade cada vez mais presente nas ações do referido Programa.

O território de ações é a escola pública brasileira de ensino fundamental e ensino médio. Não se trata aqui de menosprezar a escola privada, mas temos claro que é a educação pública que pode fazer diferença na transformação do Brasil em sociedade mais democrática e menos desigual.

Se atentarmos para os dados finais do Censo Escolar de 2011, o total de matrículas na educação básica pública, agregando as redes municipais e estaduais, atingiu 42.054.01723. Desagregando os dados, para focar o que interessa a este projeto, vemos que em 2011 tínhamos 26.256.179 alunos matriculados no ensino fundamental das redes públicas, e 7.378.660 no ensino médio em escolas públicas. Para o mesmo ano de 2011, os números da rede privada eram de 4.102.461 no ensino fundamental e de 1.022.029 na rede privada, o que comprova a enorme importância da educação pública brasileira.

Outro aspecto relevante, é que os jovens querem na escola discutir os temas de gênero e sexualidade em conexão com as músicas que cantam, com amor, com o “ficar”, com erotismo, lembrando os fatos que conhecem da vida de seus ídolos, e eventualmente até mesmo com os fortes apelos da pornografia e do uso de drogas. Não esqueçamos que fora do ambiente escolar eles se defrontam, via televisão ou internet, filmes, propagandas, revistas, *outdoors*, com situações de um homem com três mulheres, relacionamentos homossexuais, visibilidade de travestis e transexuais, programas humorísticos que fazem da sexualidade e do palavreado de duplo sentido seu grande atrativo, sem contar os *shows* musicais e as fofocas da vida de famosos, sempre com alusões acerca da vida sexual.

Outrossim, não é de se espantar que os jovens queiram falar de gênero e sexualidade em conexão com estes temas presentes no cotidiano, pois a sociedade brasileira lhes fornece, por outros canais, as informações. Contudo, inserir questões de gênero no dia a dia da escola significa, entre outros, discutir temas como: as diferentes trajetórias e possibilidades que se oferecem a homens e mulheres na sociedade brasileira (por exemplo, as meninas estudam mais do que os meninos em média, mas terminam por receber salários menores para o desempenho das mesmas funções quando inseridas no mercado de trabalho); as situações de violência ainda hoje naturalizadas de homens contra mulheres; os diferentes modos de ser e viver a masculinidade; os planos dos jovens para o futuro, envolvendo casamento, profissão, filhos, constituição ou não de família, etc.; as opiniões acerca do uso de drogas; etc (SEFFNER, 2009).

A relevância social deste estudo poderá corroborar com a formação de sujeitos comprometidos com a sociedade, também poderá propiciar reflexões em torno de uma realidade tão difusa e complexa. Contribuirá com indicadores quantitativos e qualitativos fomentando

conhecimentos acerca da realidade social em que estão inseridos estes jovens. Trata-se de uma pesquisa científica com enfoque quanti-quali e propositiva, que irá oferecer indicadores sociais para a construção de ferramentas no sentido de se obter conhecimentos acerca da realidade social em que estão inseridas esses jovens em contexto escolar, focando particularmente as relações de gênero em cidade fronteiriça.

O eixo central é o projeto de oficinas “Fala sério”, que acolhe a necessidade identificada dentro do projeto de extensão de articular temas como gênero, violência, diversidade, representatividade e direitos humanos, manifestada pela resistência de certos profissionais em trabalhar o processo de formação continuada. O projeto chama-se “Fala Sério”, por trabalhar com alunos do ensino fundamental e médio, sendo assim, procuramos uma maior proximidade com a realidade do público alvo através da linguagem. O objetivo das oficinas “Fala Sério” é introduzir uma rede de combate a violência no espaço escolar, que muitas vezes se constitui como hostil e apresenta a proposta de promoção de eventos que discutam temáticas como a violência de gênero, “dominação associadas ao gênero e à sexualidade que atravessam as sociedades e configuram-se, sobretudo, em um desafio da educação para a educação” (SIGNORELLI, 2014, p. 62). E foi articulado com base na cartilha proposta de currículo educativo para o ensino médio sobre promoção da igualdade de gênero entre adolescentes e jovens brasileiros da Organização das Nações Unidas, foi escolhido o eixo da violência por ter intersecção com o tema do projeto. Tem como objetivo problematizar com os adolescentes do ensino médio de escolas públicas, visando oportunizar uma referência de análise crítica quanto à dimensão do papel de representatividade de gênero dentro da sociedade, e mais especificamente no processo educativo.

Para concretizar o projeto, problematiza-se temas que são recorrentes dentro das escolas, tais como, LGBTfobia, machismo, *bullyng* com pessoas deficientes, obesas, racismo, dentre outras manifestações de preconceito, violência, discriminação, e que precisam de ações na busca de transformar o ambiente escolar em um espaço, que vise de fato a emancipação social, política e cultural dos sujeitos que ali passam parte de suas vidas.

As ações do projeto são desenvolvidas em três momentos, sendo eles:

- 1) Os bolsistas e as estagiárias realizam pesquisa bibliográfica e documental em materiais que possibilitam o conhecimento e aprofundamento do tema violência em sala de aula, a fim de se qualificar para mediar as oficinas.
- 2) Contatam as escolas, e propõem oficinas para dialogar com os alunos, a respeito da violência de gênero e o respeito às diversidades.

3) Realização das oficinas temáticas, nas escolas pré-selecionadas. As oficinas tem como base metodológica o plano de aula da ONU, *o valente não é violento*, tratando a temática de violência e representatividade, dentre outras ações sócio educativas que porventura sejam solicitadas pela escola e pelos alunos; observação direta participante, de caráter etnográfica, a fim de analisar os resultados obtidos e a percepção de discentes- bolsistas e estagiários- sobre a aplicação da estratégia de pesquisa denominada pesquisa-ação.

As oficinas acontecem, conforme agendamento prévio com o Serviço de Orientação Educacional – SOE de cada unidade escolar, com duração de aproximadamente duas horas. No agendamento, a professora responsável pelo SOE indica a turma que poderá participar da oficina. Assim, a escolha dos participantes acontece com indicação da escola. Os critérios são justificados por demandas da turma, tais como, comportamento, dificuldades de relacionamento e relatos de casos de violência. Deste modo, a formação do grupo é intencional com alunos que se identificam ou não com as temáticas, o que de certo modo contribui com as discussões através de depoimentos, experiências e saberes.

O projeto é proposto por um ou mais professores universitários e em torno dele é organizada a formação prática (ensino) de alunos do curso de Serviço Social e extensão por meio de alunos bolsistas dos diversos cursos do campus universitário, numa perspectiva dialógica. Deste modo, se propõe também como pesquisadora a analisar os achados sobre gênero, feminismos e sexualidade, de tal forma que poderá se completar a tríade.

Contudo, embora intensamente imbricadas, cada uma das ações mantém sua identidade e o eixo central é a extensão, porque se não houvesse o atendimento à comunidade, não haverá ensino prático e nem a pesquisa. Caracterizará está a situação de ensino-extensão-pesquisa.

A partir dos pressupostos centrais da pesquisa, destaco que o objetivo principal da investigação é conhecer as relações de gênero nas práticas escolares. Esse objetivo principal se desdobra em um conjunto de objetivos delineados em sua função. Para atingir esses objetivos, o estudo delinea-se em dois eixos:

1. O *eixo campo*, constituído pela observação a partir das oficinas *Fala Sério*, nas séries ou ciclos finais de uma escola de Ensino Fundamental e uma de Ensino Médio, ambas públicas;
2. O *eixo bibliográfico*, correspondente à pesquisa de bibliografia sobre os temas “Educação Escolar e Relações de Gênero”.

O estudo de Bibliografia sobre Educação e Relações de Gênero, com obras latino-americanas (inclusas nesta categoria as produções brasileiras), com obras francesas e anglo-saxãs, dentre outras contribuições, cumprirá o papel de guiar o olhar na pesquisa de campo.

De forma geral, para a análise dos resultados da pesquisa-ação, é necessário inicialmente acompanhar o desenvolvimento das atividades pelos alunos de graduação. Esse acompanhamento se dará por meio da avaliação de diários de campo e relatórios periódicos das atividades dos alunos. Mais especificamente, a pesquisa tem como foco os fatores (variáveis) que influenciam a opinião das crianças e adolescentes quanto à importância das fronteiras das relações de gênero no contexto escolar.

Se realizamos pesquisa e extensão a partir do ensino, remetendo os alunos e alunas a realizarem pequenos projetos de investigação e a prestar algum serviço à comunidade de modo imbricado, tendo em vista os objetivos do curso, estou fazendo ensino-pesquisa-extensão. Neste caso, nossa análise, a pesquisa e a extensão fazem parte dos propósitos de ensino, ou seja da metodologia adotada.

A observação participante, portanto, constituiu-se um procedimento básico na consecução do estágio delineado nessa proposta. E para as finalidades a que nos propusemos, definimos tal tipo de observação como:

Situação de pesquisa onde observador e observado encontram-se face a face, e onde o processo de coleta de dados se dá no próprio ambiente natural de vida dos observados, que passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem em dado projeto de estudos (SERVA; JUNIOR, 1995, p. 25).

Em relação a esse procedimento de pesquisa, sugerimos que os alunos estagiários utilizem o diário de campo para os seus registros diariamente. De acordo com Hess (2006),

os diários constituem importantes instrumentos para a pesquisa, pois se o diário de campo capta dia a dia, as percepções, os eventos vividos, as entrevistas, mas também os flashes de compreensão que emergem, com um pouco de recuo, a releitura do diário é um modo de reflexão sobre a prática (p. 93).

Dessa forma, entendemos que esse instrumento poderá ser utilizado para descrever e analisar a realidade vivenciada, viabilizando a compreensão dos espaços, lugares e pessoas que constroem diariamente a educação em nosso município. Além disso, a utilização dos diários de campo “remete o sujeito para uma dimensão de auto escuta de si mesmo, como se estivesse contando para si

próprio suas experiências aprendizagens que construiu ao longo da vida, por meio do conhecimento de si” (SOUSA, 2005, p. 53).

Os diários de campo, portanto, acompanham os alunos estagiários em seus processos de pesquisa, guardando em suas páginas os medos e as expectativas, as rotinas educativas, os encantos e os desencantos com a realidade educacional brasileira.

Enfim, espera-se que após esse período de pesquisa participante no campo de extensão/estágio/pesquisa, os alunos retornam à universidade, trazendo em sua bagagem os registros das observações participantes em seus diários de campo. Serão documentos ricos da vida escolar vivenciada na instituição e faz-se necessário debruçar-se sobre os registros e pensar cada experiência. Os alunos, então, diante das diversas situações encontradas, identificam um problema a ser discutido e que se tornaria objeto de uma proposta de intervenção social a ser apresentada à escola campo de extensão/estágio.

Quando identificados tais problemas, os alunos serão orientados a fazer a revisão de literatura a respeito do tema e a propor um trabalho socioeducativo relacionado ao objeto de estudo selecionado. Como resultado, as propostas de intervenção social ganharão forma e conteúdo. Partindo do princípio que a vivência no ambiente escolar proporciona efeitos formativos aos alunos de graduação, concentramos a nossa análise nos excertos dos diários de bordo, pois neles os graduandos selecionam e interpretam um conjunto de fenômenos que presenciaram em sua atividade de campo, fazem registro das suas observações, indagações e questionamentos para analisá-la posteriormente (MARCONDES, 2010). Segundo Catani *et al.* (1998), esse exercício narrativo a partir dos diários, possibilita ao sujeito rever seu processo de formação, favorecendo a capacidade de reflexão, possibilitam ao sujeito articular as experiências vivenciadas, dotando-as de significado, bem como reconhecer-se como sujeito de sua própria formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto trouxe apontamentos iniciais das oficinas *Fala Sério* desenvolvidas através do programa de extensão universitária Mulheres sem Fronteira, buscando apresentar os caminhos trilhados até o momento e perspectivas para o futuro através da tríade pesquisa-ensino-extensão.

Além do supracitado, as ações são de extrema importância no processo formativo dos alunos e alunas da universidade, envolvidos no projeto. Ampliar a partir do *corpus* bibliográfico, como existem bases teóricas e empíricas de saberes acumulados que tornem o tema em causa uma questão

sociológica no campo da educação. Possibilitar aos estudantes da educação básica uma ampliação das discussões de gênero e do conhecimento nesse âmbito.

Através da produção de materiais didáticos, artigos e relatórios de pesquisa a traçar caminhos para formação continuada de professores e professoras nas temáticas cujo o programa possui sua atuação.

REFERÊNCIAS

AVILA, M. B. Cidadania, direitos humanos e direitos das mulheres. In: BRUSCHINI, C. & UNBEHAUM, S. G. (org). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: FCC: Ed.34,2002.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/SECAD/UNESCO, 2009.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SAFFIOTTI, H. I. B. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Editoria Fundação Perseu Abramo, 2004 (Coleção Brasil Urgente).

SEFFNER, F. **Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar**. Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas. 2009.

SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, 1995, p.71-99.